

28 NOV 1981

JORNAL DO BRASIL

"Per vias brevissimas"

Antonio Delfim Netto

O velho Leonardo da Vinci foi um dos primeiros observadores a suspeitar de que o movimento dos corpos no mundo físico sempre se faz pelo caminho mais curto. "Natura semper agit per vias brevissimas", nos disse ele. Os recentes acontecimentos políticos decorridos no Brasil bem que poderiam levar o ilustre presidente Sarney a suspeitar de que o mesmo princípio pode valer também para o mundo político.

De fato, tendo tentado por 30 meses o caminho mais longo do diálogo, da transação e da transigência, o presidente viu consumidas a sua paciência e a sua capacidade de ação. O presidente Sarney é certamente um político treinado, mas violou algumas regras básicas da negociação. A mais importante delas é a de que os dois interlocutores, ao sentarem-se à mesa, devem estar animados do mesmo desejo de chegar a um acordo: nesse caso, as transigências e concessões de parte a parte não são prejuízos ou derrotas, mas o instrumento da negociação.

Quando uma das partes não quer o acordo, mas não pode admitir isso francamente devido aos custos que teria de pagar, não adianta sentar à mesa. E perda de tempo, que dá ao adversário a vantagem de ir escolhendo o momento mais conveniente para explorar as oportunidades que se lhe oferecem. Neste caso, a parte com maior honestidade de propósito permite que o adversário transforme cada transigência, cada concessão, cada demonstração de grandeza em um fracasso visível, que serve apenas para desgastar ainda mais a sua posição no jogo.

Desde o início do governo, em março de 1985, estava claro, para quem tivesse um pouco de sensibilidade, que o PMDB nunca se conformou com a derrota que o destino lhe impôs. A escolha do vice-presidente Sarney foi desde a sua origem um ato de transação, admitido apenas como instrumento para a vitória no Colégio Eleitoral. Nunca passou pela cabeça

do dr. Tancredo ou do dr. Ulysses a possibilidade de que o sr. Sarney viesse a ocupar a presidência. Eles queriam o governo e o custo era muito baixo: o sr. Sarney seria figurante temporário e discreto, a ser utilizado por curto prazo, durante as vigeiaturas do presidente efetivo. Em matéria de custo/benefício, nunca um projeto pareceu tão atraente.

Seria muita ingenuidade pensar que esse fato fosse ignorado pelo sr. Sarney. Ele também aceitou o jogo porque nunca lhe passou pela cabeça ser o presidente. Afirmativa, aliás, que ele repetiu publicamente há poucos dias, num discurso emocionado.

Este é o pano de fundo que deve ser lembrado para entendermos a desagregação a que chegou a administração federal. Não adiantam os esforços e as transigências do presidente Sarney. Ele e o PMDB são forças naturalmente antagônicas e nada pode mantê-las unidas. A grande verdade é que o equilíbrio estável só pode ser atingido com a eliminação de uma delas. Ou o sr. presidente se submete definitiva e irrecorribelmente ao PMDB e cumpre o programa do partido, ou tem de ignorar o PMDB e assumir o que lhe resta de mandato para fazer a política inteligente e austera de que o Brasil precisa e merece.

A primeira solução seria um desastre ainda maior do que o que estamos vivendo. Só lhe resta, portanto, a segunda. O presidente deveria assumir de fato o governo, iniciando a sua ação por uma proposta de eleição direta do seu sucessor e do Congresso Nacional em novembro de 1988.

Esta simples proposta devolverá ao presidente toda a credibilidade de que necessita para propor diretamente ao povo (ignorando o PMDB) um programa coerente de salvação nacional. A nação e boa parte do Congresso Nacional o apoiarão e ele terá cumprido o seu destino "per vias brevissimas", como sugere a natureza.

Antonio Delfim Netto é deputado federal pelo PDS-SP